



MULHERES NEGRAS E O PARADIGMA COLONIAL: AFETIVIDADES, SEXUALIDADES E OUTROS EXERCÍCIOS REVELADOS EM *BALADA DE AMOR AO VENTO*, DE PAULINA CHIZIANE, E *O OLHO MAIS AZUL*, DE TONI MORRISON

Rafael Cesar¹

Balada de amor ao vento, da moçambicana Paulina Chiziane, é um romance que trata, eminentemente, da questão de gênero. A história de Sarnau gira em torno das enormes dificuldades que a personagem vive em suas relações amorosas, primeiramente com Mwando, depois com o Rei Nguila, e, por último, novamente com Mwando. Entram em questão violências físicas, subserviência, solidão, a dura competição entre as mulheres, o silenciamento. A cultura que previa os casamentos polígamos (na qual somente aos homens era garantido o direito de possuir mais de um cônjuge) é uma dos temas centrais do texto, e fortemente criticada pela narradora Sarnau na construção do enredo. Publicado na última década do século 20, e com seu enredo passando-se nos anos da colonização, este romance da autora trabalha ainda uma série de questões relativas ao aspecto racial em cruzamento com as de gênero e que nos revelam as muitas transformações operadas no seio de uma cultura tradicional moçambicana em função do processo de colonização. Para tornar mais clara a importância do aludido processo, faço o esforço de comparar o texto de Chiziane com o romance *O olho mais azul*, de Toni Morrison, cujo enredo se passa em um período pós-colonial, e fora de África, mas que guarda impressionantes relações com a Moçambique colonial no que diz respeito, novamente, ao entrecruzamento das questões de raça e gênero.

O conflito da cor é apresentado no texto de Chiziane já no início. Pouco tempo depois de Mwando deixar Sarnau para casar-se com outra mulher, a protagonista é escolhida pela rainha como a futura esposa do filho, Nguila. A narrativa não problematiza o tema da subvalorização da mulher negra com digressões, explicações, mas simplesmente “solta no ar” a informação, que vai servindo de pano de fundo para explicar, aos poucos, muitas das agruras por que passa Sarnau. Mas, então, quando é escolhida, Sarnau não esconde a sua surpresa e orgulho, já que

Com certeza devem estar a imaginar-me tão bonita para ser esposa do futuro rei, com uma daquelas belezas que pululam por esta Mafalala de onde vos conto esta história. Devem julgar-me mulher de mãos suaves, *rosto clarinho, cabelo desfrisado com vaselina e lábios vermelhos borradíssimos de bân.*²

1 Mestrando em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UFF). E-mail: orafaelcesar@gmail.com.

2 CHIZIANE, Paulina. *Balada do amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003, p. 41; grifos meus.



Este trecho, na verdade, é uma re-afirmação do que dissera anteriormente quando soubera que a família real estava à procura de uma mulher para o príncipe desposar, mostrando que o sentido de beleza ligado às mulheres de pele mais clara já era algo realmente cristalizado no contexto em questão: “A sorte andou à roda e caiu sobre mim. Este lobolo estava destinado à Khedzi, mulher esbelta, *de pele clarinha como os homens gostam*, desde o nascimento escolhida para esposa natural da família real”³.

O texto de Toni Morrison também é bastante enfático nessa relação entre beleza e tonalidade de pele. A história de *O olho mais azul* nos dá a conhecer Pecola Breedlove, uma menina negra que vive em seu dia-a-dia o pesado ônus provocado pelo racismo, além de todo desmantelamento de sua estrutura familiar e do sentido de comunidade entre os próprios personagens negros da narrativa. Um dos conflitos da história se dá com a chegada de Maureen Peal, uma mulata clara, à escola em que estudam Pecola e suas amigas, todas de tonalidade de pele mais escura. Desde o início, a diferença de tratamento dado à nova aluna é visível aos olhos das personagens, e Pecola passa a nutrir por Maureen a mesma raiva que tinha das bonecas brancas de olhos azuis que costumava ganhar ao longo de sua infância – e destruir, como forma de reação ao contexto profundamente racista em que vivia. Maureen, diferentemente de Pecola e suas amigas, era encorajada pelos professores a estudar; não levava rasteiras dos meninos negros quando passava nos corredores; os meninos brancos não lhe atiravam pedras durante o recreio; e até as meninas negras moviam-se para o lado quando ela queria usar a pia do banheiro. Todo cuidado era oferecido a Maureen.

A apresentação de Maureen, no sentido do texto como um todo, é parte da estratégia da narrativa em evidenciar que, diferentemente do que se pensa sobre os EUA – onde, acredita-se, o limite entre negros e brancos estaria claramente definido –, as marcas da negritude, se têm maior ou menor intensidade, podem dar espaços para a negociação da identidade. Mais do que isso, na verdade, importa perceber o estilçamento das relações sociais quando uma menina que sofre racismo no seu dia-a-dia sente raiva de uma “semelhante” sua (em termos políticos), que também sofre racismo, certamente, mas em muito menor grau. O anseio de escapar do racismo (por parte de Maureen), ou de fazer com que todos sofram juntos (por parte de Pecola), ambas procurando de alguma maneira se defender, é evidenciado pela narrativa, e mostra o nível de complexidade do problema. É assim que, numa conversa das meninas sobre sexo, Maureen percebe, por um ato falho de Pecola, que esta já havia sido abusada por seu pai. Sabendo da “vantagem social” que detinha sobre as outras meninas por ser mais clara, ter mais dinheiro e uma família estruturada (no enredo, a

3 CHIZIANE, Paulina. *Balada do amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003, p. 37; grifos meus.



relação entre racismo e abuso sexual é muito clara, tanto por parte da desestruturação da família, como pela ausência de qualquer nível de valorização e cuidados com as meninas mais escuras), Maureen inicia provocações que terminam em briga. Ela não se faz de rogada na hora de atirar sua empáfia contra as meninas mais escuras, dizendo-lhes: “Eu *sou* bonita! Vocês são feias! Pretas e feias, pretas retintas. Eu sou bonita!”⁴

Fica muito claro, nos casos demonstrados acima, o entrecruzamento das questões de raça e gênero. Mas como e por quê ocorre este processo de subvalorização da pessoa de pele escura, sobretudo da mulher? O tema, com efeito, é de interesse das duas autoras, que o demonstram de maneiras diferentes. O contexto de Chiziane, ainda de presença colonial (enquanto política oficial), mostra o colonizador construindo o discurso da sua superioridade de diversas formas e, de alguma forma, o colonizado aceitando, internalizando tais ideias. Por vezes, através da linguagem verbal, explícita, direta. Outras vezes, pelos usos e atribuições de poder. Referindo-se a um grupo de homens africanos encaminhados à força para um navio, diz a narradora, ao ver a cena: “Tam a caminho de Angola, terra de degredo, da cana, do cacau e do café. Alguns deles eram condenados por crimes graves; outros por caprichos sem fundamento e mais outros *simplesmente porque eram negros*”⁵. Pela recorrência de ações como a indicada nesse trecho, ficava muito evidente para as pessoas que ser negro não era algo positivo no contexto que viviam, um efeito psicológico difícil de ser combatido à medida que o tempo passa e as relações de poder se sedimentam.

No caso de Morrison, os apagamentos relacionados à negritude e a supervalorização do indivíduo branco são claramente relacionados a um efeito positivo que têm sobre as pessoas negras de pele mais clara (como também percebemos no caso de Chiziane). *O olho mais azul* busca chocar, demonstrando a crueldade deste processo, e como a própria população vítima se torna algoz nessa trama. Assim fica patente, por exemplo, na cena em que a sra. Breedlove rechaça sua própria filha para cuidar da filha da patroa branca. Quando Pecola e suas amigas chegam para falar com a sra. Breedlove na casa da patroa, dão de encontro com a menina branca, que, amedrontada com a presença das meninas negras, pergunta por sua empregada:

“Onde está Polly?”, perguntou [a filha da patroa]. Senti ferver a violência, minha velha conhecida. Ela chamar a sra. Breedlove de Polly, quando até Pecola chamava a mãe de sra. Breedlove parecia razão suficiente para lhe dar uns arranhões.⁶

4 MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 77; grifos da autora.

5 CHIZIANE, Paulina. *Balada do amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003, p. 116.

6 MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 110.



Em seguida, ao avistar uma torta na janela – ainda aguardando a mãe –, Pecola aproxima-se para ver se a mesma estava quente. Mas, ao ouvir a menina branca exclamar por sua mãe quando esta aparece, toma um susto, e deixa a torta cair sobre si e sobre a menina, queimando a ambas. O desfecho é realmente forte.

[dirigindo-se a Pecola] “Sua louca... o meu chão, sujeira... olhe o que você... saia daqui agora isso... maluca...” (...). A garotinha de rosa começou a chorar. A sra. Breedlove virou-se para ela [a filha da patroa]. “Não, meu bem, não. Vem cá. Ah, meu Deus, olhe o seu vestido. Pare de chorar. A Polly vai trocar o seu vestido.” (...). [dirigindo-se a Pecola] “Pegue essa roupa e suma daqui para eu poder limpar essa sujeira.” Pecola pegou a sacola da lavanderia, pesada com a roupa úmida, e saíram às pressas. Enquanto Pecola punha a sacola no carrinho, ouvíamos a sra. Breedlove acalmando a garotinha loira de rosa e fazendo-a parar de chorar. “Quem eram elas, Polly? “Não se preocupe. Ninguém, meu bem.” “Você vai fazer outra torta?” “Claro que vou.” “Quem eram elas, Polly?” “Quietinha. Não se preocupe. Não eram ninguém.”⁷

No contexto colonial da narrativa de *Balada de amor ao vento*, a participação do sujeito negro no processo de dilaceramento das identidades e coletividades relativas ao seu próprio universo social e simbólico também é demonstrada. Para além da valorização que o homem negro faz da mulher negra de pele mais clara, que não decorre de um discurso explícito, mas fortemente demonstrado ao longo do texto, a narradora também chega a formular diretamente a sua percepção sobre o fenômeno ao observar uma cena em que negros foram capturados por outros negros para serem escravizados.

Os pretos gritavam para outros pretos como se pretos não fossem. O escravo liberto torna-se tirano. O homem alcança as alturas cavalgando nos ombros dos outros. A galinha no poleiro caga despreocupada para as que estão embaixo, ignorando que no próximo pôr do sol a situação pode inverter-se.⁸

Para um “parecer técnico” sobre o problema da auto-identificação do negro frente ao mundo que o cerca e os vários processos de dilaceramento da sua identidade e coletividade (de que a subvalorização da mulher negra é exemplo), recorreremos à psicanalista Neusa Santos Souza. Nas atribuições de sua profissão e de seu campo de estudo, em *Tornar-se negro*, seu mais importante livro sobre relações raciais e uma contribuição ainda muito pouco conhecida fora do campo de estudos sobre raça, a autora demonstra os efeitos da falta de referências na psique do indivíduo negro. Usando o conceito de Ideal de Ego e das representações (e ausências de representação) que nos cercam a todos (negros, brancos etc.), diz-nos, no proveitoso trecho que segue:

O Ideal do Ego é do domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertencem a Ordem simbólica e a Lei que fundamenta esta ordem. O Ideal do Ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à Ordem. É o lugar do discurso. O Ideal do Ego é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural. Realizar o Ideal do Ego é uma exigência – dificilmente burlável – que o Superego vai impor ao Ego. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal do Ego. Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o Ideal do Ego. E o sentimento de

7 MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 111.

8 CHIZIANE, Paulina. *Balada do amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003, p. 118.



culpa (como o de inferioridade) também pode ser entendido como uma tensão entre o Ego e o Ideal do Ego. E o negro? O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de Ego é branco. O negro que ora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar este modelo.⁹

O negro, por razões óbvias, estará sempre distante do Ideal de Ego que lhe é colocado. Mas as impossibilidades de ser correspondido nas relações simbólicas dominantes que se estabelecem não se esgotam, é claro, no aspecto físico. Este é apenas o mais evidente. Para encerrar por ora essa complexa questão, vejamos apenas mais um aspecto sobre o estabelecimento da relação de poder baseada no conceito de raça, em que estão em jogo *valores* arbitrados por este contexto que tem como premissa não exatamente excluir o negro, mas colocar como verdade e horizonte todo patrimônio simbólico relacionado ao Ocidente (e que, por consequência, vai excluir a maior parte dos outros patrimônios simbólicos). Se a identidade implica uma relação em que o indivíduo tem uma consciência de si próprio, e também a consciência do outro, é importante observar que esta consciência de si e do outro é atravessada por inúmeros fatores que interferem neste processo, como já vimos. É neste ponto que a formação de uma identidade “plena” por parte do indivíduo negro fica prejudicada, bem como todas as suas relações sociais e, sobretudo, a compreensão sobre si próprio, já que seu desenvolvimento está restrito por uma hegemonia simbólica que não o inclui. Vejamos

Muniz Sodré:

toda e qualquer identidade constroi-se a partir das referências concretas de um território, de uma sedentarização. A identidade ocidental apoia-se num território dito “europeu”, mas que é de fato uma sedentarização no império, propulsão pelo capital. E a consciência (branca, imperial) do homem ocidental defende com zelo e ciúme a sua marcação própria de território – em todas as instâncias de fechamento dos espaços-tempos produtivos – *onde é preciso incluir a superfície do corpo*. (...) A cor branca extrai a sua hegemonia do fato de deixar presente *na realidade inteira do indivíduo – seja ele rico ou pobre* – a possibilidade de exercício de uma dominação, já que as identidades constroem-se no interior de relações de poder assimétricas. Ela tende a esconder, no essencialismo absolutista da pele, as relações históricas de poder – tanto as situações imperiais ou coloniais quanto as condições sociais para a hegemonia socioeconômica de um grupo determinado, real ou imaginariamente vinculado à civilização europeia.¹⁰

Todo este doloroso e profundo entranhamento de identidades estranhas – e que são eternamente incompatíveis – fazem com que o indivíduo negro não consiga construir e manter uma ontologia própria, já que se situa frente a um sistema de referência que não o inclui, como demonstrou pioneiramente Frantz Fanon em um de seus textos mais importantes, *Peles negras, máscaras brancas*¹¹. Neste sentido, é ainda coincidente nos textos de Morrison e Chiziane a

9 SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 33-4.

10 SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 260-263; grifos meus.

11 Cf. FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 104.



diferença que fazem em termos do exercício da sexualidade entre as mulheres negras e as mulheres negras de pele mais clara. No sentido de aproximação que as mulheres mulatas buscam em relação às mulheres brancas, em oposição às mulheres negras, este será um fator importante para que as mulheres negras de pele mais clara encontrem sua legitimação e aceitação sociais. No caso de Chiziane, isto fica bastante claro pela diferença de tratamento que recebe Sarnau, mulher preta, diariamente cozinhando para tentar agradar a seu marido e conseguir o amor dele, mas sem sucesso. Sarnau é realmente desprezada ao longo do texto, e seu marido não parece demonstrar nenhum remorso em chegar a ficar dois anos sem se deitar com a esposa, como nos relata a narração. Como o próprio príncipe admite, seu grande amor é Phati. Phati é a mais desejada e, não coincidentemente, é a mais clara das esposas. Não poderíamos presumir, sem nenhuma base, que é apenas por Phati ter a pele mais clara que é mais amada, evidentemente. Mas o texto de Chiziane e também o diálogo com outros textos, como é o caso de *O olho mais azul*, nos fornecem pistas suficientes – já demonstradas aqui – para que compreendamos o peso da pele clara nas relações de amor e, sobretudo, no cuidado despendido para cada mulher. Efeitos do colonialismo.

Gislene Aparecida dos Santos, pesquisadora da área de Filosofia pela UNESP e autora de *Mulher negra, homem branco*, explica que o ponto da sexualidade é uma marca forte para a oposição de “civilização” e “barbárie”. O seu pensamento segue uma linha próxima à da psicanalista Neusa Santos Souza, demonstrando uma interessante tendência dos estudos das relações e representações raciais. Gislene Aparecida também investe na dimensão simbólica do ser para explicar as fragilidades sociais e psicológicas com as quais o indivíduo negro – especialmente o do sexo feminino – precisa lidar diariamente, numa batalha que é com os outros, mas também consigo próprio. A autora chama de “perda da harmonia interna” o grande temor de quem – como é o caso das mulheres negras – tem limitadas as suas possibilidades de ser no mundo, uma constante dificuldade de “representar aquilo que é vivido”¹². O irrepresentável, segundo a autora, se torna uma forma de castração.

Deste modo, entramos também na seara que compreende as relações entre o Eu e o Outro, tão importante para entendermos os jogos de poder que estão presentes em quaisquer épocas e espaços, mas que têm uma configuração especial – e muito ligada à ideia de raça – nos contextos coloniais. A presença de pessoas de cores, origens e culturas diferentes (que ora dicotomizamos como brancos e não-brancos, pois no contexto colonial pode incluir, além de negros, também os índios) cria um cenário em que o Outro (não-branco) é um “duplo” negativo do Eu, que funciona

12 SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 68.



como garantia da manutenção da identidade hegemônica do último, uma vez que, colocados frente a frente, o Outro possibilita “dar segurança ao Eu contra aquilo que horroriza, não pode mais ser entendido como duplo e é tomado como um outro diferente e estranho”¹³. A estratégia é comumente usada em momentos de definição de identidades coletivas, e há autores que citam como exemplo até mesmo a grande difusão dos shows de horrores em circos europeus do século XIX que apresentavam mulheres barbadas, homens-elefante, e assim por diante. O espectador precisa assistir à existência de um indivíduo fora do padrão para ter certeza de que ele, espectador, está dentro dos padrões vigentes, hegemônicos etc.

No caso do contexto colonial, o universo da sexualidade será importante para definir as diferenças (e justificar, como sempre, as desigualdades) através de uma distribuição de “papéis sexuais”, por assim dizer, de acordo com a cor da pele das mulheres. E a escravidão, neste caso, será uma das principais responsáveis por possibilitar a sedimentação deste jogo. Sonia Maria Giacomini, em *Mulher e escrava*, explica que a figura da escrava desde sempre se opôs à figura da mulher branca, e que houve uma densa construção simbólica para explicar isto. As mulheres brancas, segundo o levantamento de textos feito por Giacomini, eram descritas como “gordas, nédiás, flácidas”¹⁴, e as escravas como tendo “boas coxas, bons dentes, peitos salientes”¹⁵, criando, assim, uma antítese entre um corpo feito para a inércia, e outro para a ação. A *nediez* e gordura das mulheres brancas marcam a função social das mulheres brancas, tanto como a agilidade e elasticidade das mulheres negras indicam o seu lugar na sociedade. Mas é importante, ainda, entender que inércia e ação não se limitam ao universo do trabalho (o ócio para as brancas, e o labor para a negras), mas a todas as potencialidades do corpo, dentre as quais se inclui a sexualidade. As mulheres escravas, então, podem naturalmente tornar-se provedoras de satisfação sexual aos seus senhores (os patriarcas e seus filhos) durante os séculos de escravidão pelas Américas, pois tinham o corpo “disponível” para tal atividade.

A mulher negra/escrava torna-se objeto sexual do branco, ao mesmo tempo em que lhe é negada a possibilidade de relações familiares. A dicotomia criada pode ser resumida na assertiva de Giacomini: “Senhoras, mães, castas, puras e brancas contrapõem-se a escravas, infanticidas,

13 SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 68.

14 GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 76.

15 GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 76.



sensuais, lascivas, imorais, sem religião e negras”¹⁶. Não à toa o senso comum colocava o desejo sexual da mulher negra como interminável, insaciável, idéia que ainda hoje tem bastante espaço e legitimação em conversas entre homens, bem como em ditos populares do tipo “a preta para transar, e a branca para casar”. Como se sabe, grande parte da miscigenação brasileira, bem como a ocorrida em outros países onde houve escravidão negra nas Américas e Caribe, se deu pela violência sexual – desde a brutalidade dos senhores com as escravas nas senzalas até situações de nível mais subjetivo, mas que mantinham o padrão das relações coloniais, como no caso dos patrões com suas empregadas –, não sendo permitida, nesses recorrentes casos, a formação de famílias com mulheres negras matriarcas pelas razões já vistas. E ainda hoje, nos EUA, por exemplo, o percentual de mulheres negras que se casam é muito menor do que o percentual de mulheres brancas¹⁷, e também no Brasil, onde a interdição das relações interracialis é menor e nem sempre explícita, as mulheres pretas são, proporcionalmente, as que menos sucesso têm no mercado de matrimônios¹⁸. Os reflexos disto estão entre nós até hoje porque perdura a memória de tais relações. E é por isso que Gislene, em concordância com Giacomini e retomando o conflito entre o Eu e o Outro, lembra que, nas relações sociais pautadas pelo racismo colonialista, ou herdeiras do mesmo, seja em África, seja na diáspora, a

*mulher negra aparece, por um lado, como ícone de desarmonia e, por outro, como forma de manter a pureza da mulher branca (proteger sua pureza sexual). (...) A mulher negra, mesmo olhando para fora e, de certa forma excluída do círculo de carinho, garantiria a pureza da mulher branca.*¹⁹

Nos dois romances em questão é possível assistir aos efeitos da construção que ora levantamos. No caso de África, como já vimos, tem-se Sarnau, mulher preta, absolutamente desvalorizada frente à sua rival Phati, mestiça e de pele mais clara. E no romance de Toni Morrison, tudo ocorre de forma muito parecida. Em função dos diferentes estilos das autoras, novamente vamos recorrer a um excerto tirado de Morrison para ilustrar as colocações de Santos e Giacomini, mas frisando que há total relação com o que Chiziane nos mostra em *Balada de amor ao vento*, embora a última economize em descrições explícitas e demonstra esta situação numa construção contextual. Em *O olho mais azul*, o enredo busca uma demonstração mais detalhada do processo. No enredo criado por Toni Morrison, as mulheres pardas “travam batalha” contra sua própria

16 GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, p. 77.

17 cf. FALUDI, Susan. *Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001, p. 31.

18 cf. TELLES, Edward Eric. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Tradução de Ana Arruda Callado; Nadjeda Rodrigues Marques; Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 157-8.

19 SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 70.



negritude, transformando o corpo e a sexualidade em um espaço de interdição ao sexo, que não pode ocorrer com completa liberdade, sob pena de serem tais mulheres relacionadas à sua origem africana (e sofrerem os ônus sociais de serem “mais negras”). Para se aproximarem do universo das mulheres brancas, todo ato sexual das mulheres negras de pele mais clara deve ocorrer com mais recato:

Contraem o traseiro com medo de um balanço demasiado livre; quando usam batom, nunca cobrem a boa inteira, com medo de que os lábios fiquem grossos demais, e preocupam-se, preocupam-se, preocupam-se com as pontas dos cabelos. (...) [O seu marido] deve penetrá-la sub-repticiamente, erguendo-lhe a camisola só até o umbigo. Quando faz amor, deve sustentar o próprio peso nos cotovelos, em princípio para não machucar os seios dela, mas na verdade para que ela não tenha que tocá-lo nem senti-lo muito.²⁰

O bônus por este comportamento – que coloca as mulheres negras mais claras em um status de proximidade maior com as mulheres brancas – é o de merecerem relações afetivas plenas, respeitadas e assim por diante, como o texto de Morrison demonstra. Da mesma forma, como se viu, as mulheres tidas como dignas de um casamento e de maior investimento afetivo, preocupação e cuidados, no enredo de Chiziane, são também as mulheres negras de pele mais clara.

Parte do valor de narrativas como as de Morrison e Chiziane é que, ao abordarem tema tão espinhoso – e num âmbito de tão difícil acesso que dificilmente poderia ser alcançado por um estudo sociológico, por exemplo –, através dessas narrativas ficcionais consegue-se produzir saber acerca do tema. Não sendo possível, por diversos contingentes sociais e históricos, ouvir as vozes de tantas pessoas que vivem experiências semelhantes – no caso, especialmente as vozes das mulheres negras –, pela literatura temos acesso a um universo cognitivo que nasce dos contextos apresentados.

Bibliografia

CHIZIANE, Paulina. *Balada do amor ao vento*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

FALUDI, Susan. *Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

²⁰ MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 87-8.



SANTOS, Gislene Aparecida dos. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

TELLES, Edward Eric. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Tradução de Ana Arruda Callado; Nadjeda Rodrigues Marques; Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.